

IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E CULTURA: a relação “raiz x nutella” nas mídias sociais

IDENTITY, REPRESENTATION AND CULTURE: the root x nutella relationship in social media

Jander Fernandes Martins¹, Vitória Duarte Wingert¹

Resumo

O presente texto busca discutir os processos e manifestações culturais que permeiam o meio sociocultural contemporâneo em suas dimensões mais expressivas. Para tal, elegeu-se a internet como fonte primária de exploração e pesquisa. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa exploratória com alguns tipos de “memes” que, nos últimos tempos, vem sendo ovacionados e compartilhados como uma “febre de internet”, a saber: raiz x nutella. Primando por uma perspectiva interdisciplinar, analisou-se a partir de três categorias: representação, cultura e identidade. Essas análises se revelaram instigantes. As postagens e compartilhamentos de tais memes, oscilam entre representações identitárias e culturais consideradas genuínas e tradicionais de um lado, e modernas, fluídas e flexíveis de outra. À guisa de conclusão, seria essa constatação inicial, fruto (virtual) e concreto dos processos e manifestações culturais de uma época caracterizada por relações híbridas, sintoma da globalização do capital e mundialização da cultura? Espera-se com isso, abrir discussões e reflexões sobre a mesma.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Representação. Processos e Manifestações Culturais.

Abstract

This text discusses the processes and cultural manifestations that permeate the contemporary sociocultural environment in its most expressive dimensions. To this end, the Internet was chosen as the primary source for exploration and research. Methodologically, an exploratory research was carried out with some types of memes that, in recent times, have been ovated and shared as an “internet fever”, namely: root x nutella. Primarily for an interdisciplinary perspective, it was analyzed from three categories: representation, culture and identity. These analyzes proved provoking. The postings and sharing of such memes oscillate between identity and cultural representations considered genuine and traditional on the one hand, and modern, fluid and flexible on the other. By way of conclusion, is this initial finding, fruit (virtual) and concrete of the processes and cultural manifestations of an era characterized by hybrid relations, a symptom of the globalization of capital and the globalization of culture? It is hoped with this, open discussions and reflections on it.

Keywords: Culture. Identity. Representation. Cultural Processes and Manifestations.

¹ Universidade FEEVALE
E-mail: martinsjander@yahoo.com.br

PARA COMEÇO DE CONVERSA...

O presente trabalho é fruto de paulatinos diálogos e reflexões os quais buscavam aprofundar entendimentos acerca das interações socioculturais contemporâneas, especialmente, no Brasil.

Para tanto, a temática do presente trabalho gira em torno de questões profundas do tecido social, a saber, as relações sociais por meio das mídias sociais. Mais especificamente, nosso recorte temático se debruça sobre mídias de compartilhamento de imagens.

Mediante esta proposta, elencou-se como objeto de análise os chamados “memes”. Estes, em seu bojo de produção e circulação midiática, a *internet*, a qual aqui foi tratada, metodologicamente, como *fonte primária* de pesquisa e coleta de dados. Proposta esta, em caráter exploratório. (ECO, 1995; GIL, 2009)

Para isso, partiu-se da seguinte indagação: *seriam os memes “raiz x nutella” fruto virtual e concreto dos processos e manifestações culturais de uma época caracterizada por relações híbridas, sintoma da globalização do capital e mundialização da cultura?*

Tal indagação é cara para os autores, visto que a concebem como fruto de interações sociais assentadas em relações sincrônicas e diacrônicas. As quais, por sua vez, podem ser frutos e/ou agentes de relações híbridas, fragmentadas, multifacetadas e que, devido ao avanço tecnológico das mídias digitais, especialmente, as redes sociais (*facebook, twitter, whatsapp, instagram*), tornam-se elementos nucleares em um dado contexto sociodigital e cultural (contemporâneo, no caso). (CASTELLS, 1999a; 1999b)

Para dar conta de tal empreendimento, como eixo norteador, estabeleceu-se como ponto comum para o desenvolvimento do trabalho, dois eixos. Uma de natureza/perspectiva interdisciplinar¹. Visto que, todo meio sociocultural se encontra alicerçado por processos e manifestações culturais² complexas, re-

ais e concretos, mediados por distintas linguagens. Esses processos e manifestações, complementam os eixos que os autores fundamentaram suas reflexões.

Além disso, cabe destacar que, metodologicamente, elencou-se três categorias para a análise dos dados coletados: *representação, identidade e cultura*³. A partir disso, na segunda etapa, realizou-se uma busca de imagens (e seus conteúdos) que circulem na *internet*. O critério de escolha, perpassando as três categorias analíticas, teve como ponto de intersecção explicitarem elementos que manifestassem representatividade identitária e cultural, na relação *raiz x nutella*. A motivação da escolha de determinado “meme” se deu em função da ampla repercussão e compartilhamento do mesmo dentro das mídias sociais.

Com este delineamento metodológico, buscou-se produzir um banco de acervo de imagens, aos moldes do que preconizam Eckert; Rocha (2016; 2018). Com isso, elencou-se as fontes de acesso dos quais foram retirados nossos objetos de análise. Nesse sentido, ponto importante, ao se recorrer à esta proposta de sistematização metodológica, foi escolher as plataformas midiáticas. Visto que, no atual cenário societal brasileiro, constatou-se haver ampla circulação nas mais variadas mídias sociais (novela, séries, *facebook, instagram, twitter...*) do nosso objeto de análise.

Assim, nosso critério de seleção, foi rede sociais, especialmente, o *facebook e instagram*. Dado, a miríade de opiniões que vão desde demonstrações de carinho, até discursos extremistas e fundamentalistas de diversas naturezas (religiosas, políticas, econômicas, identitárias, culturais...) faz com que esse tipo de estudo se complexifique. Motivo este de aqui, ser pauta de discussão.

Portanto, o artigo está organizado da seguinte maneira: a) uma introdução que busca apresentar o tra-

1 Parte-se da concepção e empreendimentos teóricos e conceituais proposto por Pombo, Guimarães, Levy (1994) e Pombo (2008).

2 Pensa-se que uma definição sobre este conceito, seria a preconizada por Saraiva et al (s/d, n.p., grifos dos autores): “[...] **processos culturais** abrangem, em uma acepção ampla, as práticas humanas e suas manifestações, como os conhecimentos, as crenças, os valores, os

costumes, as artes, a tecnologia, que podem ser analisadas como representações simbólicas. A noção de processo decorre do fato de a cultura ser dinâmica e de estar ligada às transformações sociohistóricas em que interagem relações de causa e de consequência”.

3 Estas três categorias escolhidas, também nos servirão como instrumento de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011, PP. 147-158), pois será a partir delas que os objetos foram escolhidos e aqui apresentados.

balho e justificar a sua pertinência; b) esclarecimento conceitual das categorias utilizadas para a análise dos objetos, bem como da elucidação do objeto analisado e, c) por fim, a análise das imagens escolhidas e as devidas considerações buscando dialogar com a comunidade científica.

Até aqui, centrou-se a discussão na busca por esclarecer nossas justificativas em razão metodológica. Propositadamente, apenas se insinuou acerca de nosso objeto a ser analisado. Este, como dito acima, foi coletado em plataformas de redes sociais. E a razão de eleger, os “memes” como objeto, dá-se por inúmeras razões, desde um sentido trivial, comum como o fato da “febre na rede social” que o compartilhamento dessas imagens “viralizou” perfis sociais. Como também, por outro lado, há razões técnicas, acadêmicas, epistemológicas que merecem e exigem um olhar acurado e uma reflexão séria acerca dos mesmos, dado as inúmeras manifestações que seus conteúdos promovem.

Esta constatação é verificável, por exemplo, ao se consultar o Museu dos Memes, o qual pode ser definido da seguinte maneira:

O #MUSEUdeMEMES é o webmuseu com o maior acervo de memes brasileiros do país. Estamos sempre ampliando e atualizando nossa coleção. Preferimos não colocar uma meta na quantidade de obras em exposição. Vamos deixar a meta aberta. Quando atingirmos a meta, dobramos a meta⁴.

Este webmuseu é revelador e com um rico acervo com fontes de pesquisa de alto teor de relevância. Dentre tantos, o relacionado ao memes raiz x Nutella⁵.

4 A equipe do #MUSEUdeMEMES congrega docentes e discentes em caráter permanente ou honorário. São pesquisadores da pós-graduação em Comunicação (PPGCOM-UFF), da graduação em Estudos de Mídia/UFF, e também de outras áreas e instituições. Os alunos de graduação são responsáveis pela produção de conteúdo para o acervo do webmuseu e também pela organização dos ciclos de debates denominados #memeclubes. Discentes e docentes da pós-graduação, são responsáveis por atividades de pesquisa e produção científica relacionados ao escopo do projeto. O #MUSEUdeMEMES é vinculado ao grupo de pesquisa colAB (Laboratório de Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração) e ao Polo de Produção e Pesquisa Aplicada em Jogos Eletrônicos e Redes Colaborativas (P³). Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/>. Acessado em: 17/09/18.

5 Conferir: <http://www.museudememes.com.br/?s=NUTELLA>. Acessado em: 17/09/18.

A origem desse meme, é de 2016, em função do “trágico 7x1” na semifinal da Copa do Mundo, “Tudo começou com esse tweet do @JOAQUINVOLTOU”. Um usuário com mais de 100mil seguidores. Embora a primeira postagem ocorresse durante o campeonato mundial de futebol. Só no ano seguinte viralizou:

A gíria “Nutella” vem, obviamente, da renomada marca de creme de avelã conhecida em vários países ao redor do mundo, provavelmente, por ser um produto muito popular entre os jovens da classe média/alta. Logo, “geração Nutella” é utilizada para zoar e referir-se às crianças e aos adolescentes que cresceram em meio a tecnologia, à geração moderna/ gourmet; aos ditos “frescos”. Por outro lado, a “geração raiz” é o exemplo a ser exaltado, é o jeito certo de ser ou fazer alguma coisa. É a maneira antiga ou tradicional de fazer algo. (MUSEU DO MEMES, 2018)

Os “gêneros e os formatos” são de uma variedade quase que incomensuráveis. Esses memes, são, basicamente, a apresentação de uma comparação entre duas pessoas, objetos, atividades, circunstâncias, etc. além disso, “[...] Normalmente, o meme é encontrado com um fundo branco, não necessariamente sendo uma regra, com duas fotos e uma sequência de diferenças organizadas na vertical abaixo da foto”. (MUSEU DO MEMES, 2018)

Mais especificamente, com relação a sua difusão e repercussão. De acordo com o webmuseu:

“O meme se difundiu, inicialmente, no Twitter e, depois, se espalhou para outras redes sociais. Seu sucesso ocorreu de janeiro de 2017 até meados de fevereiro, como aponta o *Google Trends*. A repercussão do meme foi gigantesca, chegando a ser assunto de diversos youtubers na época”. (IDEM)

Nos últimos anos, se presencia uma amplitude do *mass media*⁶ e, por meio da *internet*, de redes sociais em nosso país, especialmente o *facebook*, *ins-*

6 Por Mass media, se compreende todo o aparato tecnológico de comunicação social. Dentre as quais a televisão, o rádio e a imprensa se destacam. Este tipo específico de comunicação social, surge em meados da década de 1970. Desde então, como se sabe, aumentou e melhorou seu aparato tecnológico. (WOLF, 1999)

tragram e twitter. E é nessas redes sociais em que se dá o maior flagrante de postagens repletas de ideologias e cosmovisões mais preocupantes, no caso, posições e posturas radicais, fundamentalistas, extremistas, racistas, discriminatórias e intolerantes, seja na questão religiosas, na política, na econômica, na educacional ou na de gênero e raça⁷.

Diante dessas tensões discursivas, defende-se a necessidade de discutir, refletir e socializar possibilidades de entendimentos e interpretações acerca do “meme raiz x nutella”. Assim, aqui nossa proposta se dá em torno das categorias de análise (BARDIN, 2011) identidade, representação e cultura.

A IDENTIDADE, A REPRESENTAÇÃO E A CULTURA PERVERSA MANIFESTADA (DISFARÇADA) DE FEIO-CÔMICO

Elevar ao patamar de categorias analíticas, conceitos como os de identidade, representação e cultura exige que, seja esclarecido desde já o isolado, binário, dualístico e/ou tripartido.

Antes de discorrer sobre o entendimento das categorias analíticas utilizadas pelos autores. Cabe destacar que, a noção de feio e cômico toma como pressuposto a concepção cultural e semiótica de Umberto Eco, a partir de sua obra *História da Feiura* (2014). Nessa obra, a temática obviamente é a “feiura”, a partir de iconografias da arte e imagens, o renomado escritor italiano perpassa a história da humanidade a fim de demonstrar o quanto essa “noção”, padrão estético é influenciado e ditado por uma pressão externa como o “imaginário”, seja ele “social ou simbólico”. Logo, cultural.

Nas palavras do autor:

O feio é também um fenômeno cultural. [...] poderíamos dizer, é certo, que os fatores econômicos sempre pesaram nestas discriminações, no sentido em que a elegância sempre foi associada ao uso de tecidos, cores pedras caríssimas. **Mas muitas vezes o fator discriminante não era econômico, mas cultural.** (ECO,

2014, p. 394, grifos dos autores)

E é no interior do “feio”, de suas manifestações e mudanças de concepções do que é feio e do que não é feio que, historicamente, o “cômico” se manifestou e se imbuíu. Essa noção será importante no decorrer do trabalho.

Tal afirmação não é em vão, pois parte-se do entendimento que a cultura se manifesta através da linguagem e, é por meio desta relação que os diferentes processos e manifestações culturais se instituem no mundo, proporcionando contextos e situações constituidoras de “Identidade” que, por sua vez, produzirá símbolos materiais e imateriais que lhe facultarão elementos que irão se cristalizar no âmago de qualquer conjunto social. Estes, por sua vez, mediados pela linguagem, se elevarão a um nível “representativo” de modo a estabelecer intersecções complexas reais, concretas e imaginárias singulares, plurais, simples, complexas, dialéticas, etc. Assim, podendo ser compreendida enquanto “manifestação cultural”⁸.

Como se insinuou acima parte-se do entendimento de que é a Linguagem (e o discurso) que institui, testemunha e significa o mundo através do sujeito, permitindo com isso que se possam analisar os processos e manifestações culturais diversas. (CHARAU-DEAU, 2012)

Neste sentido, ao se falar de “identidade(s)”, se está falando de sujeitos, da relação EU-OUTRO e é, nesta relação (dialética), que ao mesmo tempo constituímos, constituímos e instituímos uma Identidade.

Discorrer sobre “Identidade”, implica falar de “identidade cultural”, a qual pode ser entendida como elemento e produto do que se denomina “modernidade tardia”, a qual se caracteriza, principalmente, pelo fato das “identidades pós-modernas” se manifestarem de forma “descentrada”, resultado da “perda de um sentido de si, descentrada do sujeito”. (HALL, 2006, pp. 7-9)

Ampliando esse entendimento, Woodward (2012, p. 16) propõe que só se compreende, percebe e concebe uma “identidade” através da “diferença”. Os

7 Esclarece-se que, para os autores, os quais tomam como perspectiva as propostas de Barros (2009) e Guimaraes (1995; 1999; 2012), para os quais não existe raça no sentido fenotípico e biológico, mas sim enquanto categoria política e enquanto construção social (negativa).

8 Tal entendimento vem ao encontro do que propõem autores renomados, tais como: Canclini (2000), Charaudeau (2012), Geertz (2008), Hall (1997; 2006) e Woodward (2013).

elementos que permitem um determinado sujeito se “identificar” ter uma “identidade”, necessariamente leva em consideração o seguinte:

Só podemos compreender os **significados** envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais **posições de sujeitos** eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior. [...] **A representação** inclui as **práticas de significação** e os **sistemas simbólicos** por meio dos quais os significados são produzidos, **posicionando-nos como sujeito**. (WOODWARD, 2012, pp. 16-17, grifos nossos)

A partir dos termos destacados, é possível presumir que no processo de constituição de uma “identidade”, não é só a linguagem, o discurso, símbolos e/ou representação.

Ainda segundo Woodward (2012), as identidades, inicialmente, podem ser distinguidas entre “individuais e coletivas”, mas ao se aprofundar a questão, ter-se-á outras implicações, tais como: mudanças sociais e políticas... Além disso, a autora assevera que “momentos particulares do tempo” também implicam e produzem identidades. O que justificaria isso, seria: “[...] por um lado, a identidade é vista como tendo algum núcleo essencial que distinguiria um grupo de outro. Por outro, a identidade é vista como contingente; isto é, como o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares. (WOODWARD, 2012, p. 39)

Adicionado a isso, há o elemento “diferença” em sua dimensão simbólica e social. Segundo a autora, “[...] a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidades”. Nessa ótica, se descortina uma outra possibilidade de entender essa questão, de modo que não seja uma visão dualista, dicotômica. Na proposta da autora, “identidade e diferença” deixam de serem polos conceituais opostos. Nesse entendimento, “a identidade depende da diferença”. (IDEM, p.40).

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como os ‘outros’ ou forasteiros. Por outro lado, ela **pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade, hibridismo, sendo vista como enriquecedora** [...] (WOODWARD, 2012, p. 50, grifos nossos)

O que nos leva a entender toda a construção, constituição e instituição de (uma) identidade (s), enquanto processo e manifestação (cultural). Isso porque, de acordo com as situações e os tipos de práticas de significação produzidas, teremos um determinado posicionamento enquanto sujeito, o que nos posicionará sempre em relação a um “outro ou eles”.

Complementando isso, Silva (2012, n.p.) diz: “É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”.

Portanto, ao se discorrer sobre identidade, é imprescindível falar de “diferença” e, por conseguinte, de “representação”. Demarca-se a identidade e a diferença somente a partir do momento em que as representamos. E essa representação, entende-se, como sendo materializada de forma mais reconhecível através da “linguagem”, isto é, das “as circunstâncias do discurso”. (CHARAUDEAU, 2012)

Por “representação”, enquanto categoria analítica, se sabe haver diferentes entendimentos. Aqui, toma-se como pressuposto basilar Stuart Hall (1997; 2006) e Chartier (1991), para quem é possível estabelecer diálogo e aproximação com as demais categorias (identidade e cultura).

Isso porque para Hall (1997, p. 2), por exemplo, cultura é um “conjunto de valores ou significados partilhados”. O que evidentemente, lhe permite propor que o “conceito de representação conecta o significado e linguagem à cultura” (IDEM, p.1). Tal entendimento, eleva a um patamar central no processo de produção de significados pela cultura, isto é, “cada prática social ocorre no ‘interior da cultura’” (HALL, 1997, s/d, n.p.). Para esse autor, é a linguagem que produz os significados e delimita o sistema de representação.

Já para o autor francês, este terreno de trabalho permite identificar os “falsos debates” instituídos entre, de um lado a “objetividade das estruturas” e do outro, a “subjetividade das representações” (CHARTIER, 1991, pp. 182-183), nas quais esta se aproxima e dedica-se aos “discursos”, enquanto, àquela enver-

ga-se de um estatuto “mais seguro” permitindo “manipular maciços, seriais, quantificáveis” reconstruindo assim, inclusive, sociedades.

Bom, dito isto, Chartier (1991), lançando mão da “noção de representação coletiva” elaborada e difundidas por Marcel Mauss e Emile Durkheim, permite e dá estatuto seguro e rigoroso para o estabelecimento de um trabalho no qual se articula três modalidades, nas palavras do autor:

Três modalidades de **relação com o mundo social**: de início, o trabalho de **classificação e de recorte** que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, **as práticas** que visam a fazer reconhecer uma **identidade social**, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a **significar simbolicamente** um **estatuto e uma posição**; enfim, as **formas institucionalizadas e objetivadas** em virtudes das quais “**representantes**” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991, p. 183, grifos nossos)

Assim, tem-se que a “construção das Identidades Sociais” se dá, por um lado, por meio de uma via, na qual esta construção seria sempre o resultado de uma “[...] relação de força entre representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência [...]” e, por lado, isto é, outra via, tem-se a consideração de que “[...] o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade [...]”. (IDEM)

Dito isto, a “noção de representação”, segundo este autor, “[...] traça toda a **teoria do signo do pensamento lógico**” (IDEM, p. 184, grifos nossos), pois, por representação deve-se entender a “[...] relação entre uma **imagem presente** e um **objeto ausente**, uma valendo pelo outro porque lhe é homologa”, nos permitindo com isso, discriminar “diferentes categorias de signos”, bem como “identificar” as possíveis “[...] condições necessárias para que uma tal relação seja inteligível” (CHARTIER, 1991, p. 184). Por tanto, assim se estabelece e se constrói as relações com o

mundo social, bem como se constroem as representações que irão permear estas dimensões coletivas e/ou singulares.

Pois bem, dando continuidade, inicialmente, esclarece-se que, não há um único conceito/definição de cultura a ponto de abarcar todo o processo, a manifestação e os mecanismos que permitem captar as formas de cultura.

Dito isso, tem-se por um lado, Roy Wagner (2012), para quem “cultura é invenção”. Por outro, Clifford Geertz (2008) defende a perspectiva que “a cultura é interpretação”. Já para Stuart Hall (1997; 2006) “cultura pode ser apreendida por meio de representação”. Portanto, como se percebe, qualquer um dos vieses pode, até um determinado ponto, contribuir para uma análise de qualquer processo e manifestação cultural.

Com o objetivo de atender nossos objetivos, parte-se do entendimento de Geertz (1989, p. 10, grifos nossos) para quem, cultura pode ser entendida como um “[...] sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...]”. Se se trata de um sistema de signos, logo, símbolos e como tais, devem ser “interpretados”. Além disso, para esse autor, cultura seria um “[...] contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível [...]”. E por se dar no interior de um determinado contexto, ela é histórica, social e “cultural”.

No entanto, para chegar neste entendimento o autor toma como postulado, autores mais clássicos, por exemplo, Max Weber, assim como faz uso de outras áreas do conhecimento, como a semiótica. Nas palavras do autor:

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, [...] assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. (GEERTZ, 1989, p. 4)

Portanto, fica claro que para o autor se trata de uma “cultura semiótica”, o que possibilita tratá-la como uma “ciência interpretativa”, a qual busca constan-

temente interpretar os “significados” das diferentes expressões sociais, ou melhor, dos processos e manifestações culturais que cada instituição, sociedade, grupo, etc. criam, recriam, apresentam, representam, produzindo assim uma teia, nos permitindo analisá-lo.

RAIZ X NUTELLA: UMA RELAÇÃO PERIGOSA NO TECIDO SÓCIO-MIDIÁTICO

Anteriormente, discorreu-se sobre os aportes teóricos que basilarão as análises que se seguem. Como o título sugere, problematizar-se-á a “moda em voga nas redes sociais contemporâneas”, a saber: postagens produzidas, de forma amadora e irresponsável, manifestando opiniões e concepções pautadas em critérios arbitrários polarizados de forma dicotômica, denominadas “raiz x nutella”.

Analisar essas postagens escolhidas requer compreender que, vivemos em um ambiente social caracterizado e condicionado pelos modos de organização capitalista em suas dinâmicas: a globalização (econômica) e de mundialização (cultura). Tais elementos, como assevera Nestor Canclini (2000), apresentam um contorno social que o autor denomina de “hibridismo”.

Isso porque, em muitos objetos, se perceberá uma fluidez, uma flutuação de noções e concepções que vão do extremismo conservador à uma noção cômica, hilariante, liberal e pós-moderna no entendimento do que seria um processo e/ou manifestação cultural “raiz”. O mesmo ocorrendo com a noção de “nutella”.

A primeira imagem escolhida, remete-nos à questão da categoria Identidade:

Figure 1- Quem é o verdadeiro churrasqueiro?



Só precisa de carne	Mistura de 78 ingredientes
Só tempera com sal	Tempera com ervas finas
Limpa a mão na bermuda ou na barba	Limpa a mão no Perflex
Bebe cerveja e pinga	Bebe caipisquê de Framboesa
Vira a carne com garfo	Vira a carne com Pinça de Teflon
Limpa o suor no mesmo pano que limpa os dedos e a faca	Nem sua.
Usa chapéu ou boné	Usa gel ou toquinha gourmet
Assa picanha, Fralda e Contra Filé	Assa legumes, abacaxi e asinha de frango
Só conhece carne mal passada	Carne ao ponto pra não ter sanguinho
Usa carvão, lenha, sofá velho...	Só no George Foreman Grill Jumbo
Limpa grelha com tijolo	Spray de aloe vera com flores do campo
Sabe cortar a carne	Compra fatiada na bandejinha
Conta piada	Faz fofoca

Fonte: Google. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewj28KW8j5DaAhXKEZAKHSUUBTMQjRx6BAGAEAU&url=http%3A%2F%2Fwebinformado.com.br%2Ftag%2Fchurrasqueiro-raiz-e-churrasqueiro-nutella%2F&psig=AOvVaw2rg6NFbfvU8UJR2K6JGCV0&ust=1522364298658899>

Como se vê, é uma imagem que “representa a identidade cultural” do gaúcho, isto é, daquele sujeito nascido no estado do Rio Grande do Sul. A imagem faz menção ao “churrasqueiro”, o sujeito responsável por preparar, organizar e assar a carne em um determinado local e objeto, a churrasqueira. Culturalmente, se atribui ao gaúcho o churrasco e faz parte da culinária desse povo. (ALBRECHT, 2010; MACIEL, 2005)

O “Churrasqueiro raiz”, nessa postagem seria aquele sujeito que deve apresentar além de hábitos alimentares, formas específicas de manuseio da carne e dos demais objetos ditos imprescindíveis e está “vestido a caráter”. Portanto, um churrasqueiro raiz seria aquele sujeito que se manifesta culturalmente conforme estabelece o imaginário social típico do gaúcho dos pampas com uma “pitada de rusticidade”, pois usa carvão, casca de árvore e sofá velho. Em

contrapartida, o “churrasqueiro nutella” seria aquele sujeito que apresentaria hábitos, postura e formas de preparo e manuseio da carne não oposto a um entendimento de rusticidade, já que fazer uso de “perflex, gel nas mãos, touca na cabeça e assa em uma grelha metálica”. (ALBRECHT, 2010; MACIEL, 2005)

Analisando essa relação dicotômica, o que se percebe é uma apologia à manifestação cultural e identitária em que rusticidade, machismo e descaso higiênico no preparo do alimento são sinônimos de cultura genuína, tradicional, enobrecida que representaria o “verdadeiro sujeito que manifesta sua identidade e cultura” através desse símbolo cultural, o churrasco. (GONZAGA, 1980)

Não muito distante, a imagem 2, transitando entre mais de uma categoria faz menção à questão identitária e cultural:

Figure 2- Quem é gaúcho?

GAÚCHO RAIZ	GAÚCHO NUTELLA
Churrasco	Grelhado
Cachaça	Espumante
Chimarrão	Energético
Chimia	Geléia
Banho de sanga	Jacuzzi
Mano Lima	David Guetta
Bergamota	Tangerina
Rancho	Duplex
Tu	Você
Torresmo	Sushi
Pelego	Cama King Size

Gaúcho Hoje

Fonte: Google. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=&url=https%3A%2F%2Fpt-br.facebook.com%2Fgauchahoje%2Fphotos%2Fa.212824978804549.53025.201026603317720%2F1241963055890731%2F%3Ftype%3D3&psig=AOvVaw1Ca8oKT-3qTvcd8Z1g9QHdP&ust=1522364502502891>

Nessa imagem, percebe-se, por meio do cômico (ECO, 2014), haver uma perversidade subjacente, a qual toma o hábito cultural do sujeito gaúcho e o analisa dentro de certos padrões considerados tipicamente gaúchos. Se constatado que sua fala, música que aprecia, comida, frutas, indumentária, a bebida demonstra características “rústicas e pampeanas”, esse seria o gaúcho raiz, modelo a ser seguido. Caso contrário, se sua manifestação cultural apresentar algum elemento não condizente com o que se classificou como parâmetro-padrão, esse sujeito será considerado “gaúcho nutella”⁹.

Como pano de fundo das dicotomias evidenciadas nas duas imagens acima, o que se vê é a tensão

dialética entre campo-cidade, rural-urbano, rústico-urbanita. Além disso, tomando como base os autores supracitados, essas suas imagens representativas e classificadoras de identidades e de manifestações culturais, se apresentam como exemplos concretos do atual modo societal em que vivenciamos, algo fragmentado, misturado, híbrido e que, busca em meio a esse emaranhado de relações e misturas, (auto)identificar-se com determinados produtos, hábitos e concepções de mundo e formas de se relacionar com o Outro. Aqui também não se estaria vendo uma apologia ao conservadorismo cultural?

Ora enquanto aquelas imagens se referiam a questão da identidade. Há também outras formas perversas de representação dicotômica, no campo da economia e da política também:

⁹ Isto posto, evidencia uma séria necessidade a ser retomada, que é discussões sobre identidades culturais, ainda que estudos pioneiros como os de Décio Freitas (1980), Tau Golin (2004) contribuam e nos sirvam de suporte e base norteadora.

Figure 3- Quem faz política de verdade?



Político Raiz	x Político Nutella
-Honesto	-Ladrão
-Tem relógio maneiro	-Tem triplex e sítio ilegais
-Filho é policial federal e deputado federal	-Filho fica milionário sem trabalhar
-Tem valores morais	- Canalha
-Tem cabelo estiloso	- É barbudo e feio
-Xinga reporteres otários	- É humilhado por reporter
-Bandido tem que se fuder e acabou	- Virou réu 5 vezes
-Vai no lava-jato pra lavar o carro	- Morre de medo da lava-jato
-Fala apenas a verdade	- Mente pakas
-Tem apelido de bolsomito	- Tem apelido de luladrão
-Curte o trabalhador honesto	- Faz campanha política no velório da mulher

Fonte: Google. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewjWv53UkZDaAhVGhpAKHZaKB_MQjRx6BAgAEAU&url=https%3A%2F%2Fme.me%2F%2Fpolitico-raiz-x-politico-nutella-ladrao-honesto-tem-relogio-maneiro-9641134&psig=AOvVaw1rlp6rZS6jJ_zRWinOoCy&ust=1522364946175991.

Sem entrar no mérito da questão da política partidária, as imagens utilizadas como representação do que seria um “político raiz” e o que seria um “político nutella” são significativas e dignas de reflexão.

Refletir acerca de qual seria o ponto de vista do autor da imagem e do por que considerar político raiz quem tem valores morais, cabelo esteticamente apreciável, concebe como solução para a segurança pública a morte dos infratores e por fim, é considerado como símbolo de honestidade. E ao contrário, a imagem escolhida para “representar” o político nutella um dos ex-presidentes e que, sem entrar no mérito das questões anacrônicas de corrupção no Brasil, mais investiu em educação (da educação básica ao Ensino Superior). Um político nutella seria o “feito”, conforme Eco (2014), pois esteticamente não

se apresenta em acordo com os padrões estéticos da beleza ditada socialmente. Também seria aquele sujeito que, estaria envolvido em investigações (mesmo que baseada em “convicções”). Como pano de fundo, o que se identifica é se tratar de uma manifestação cultural pautada em um entendimento e visão de mundo e política conservadora e fundamentalista, a qual se apropriou da dimensão cômica para explicitar sem escândalo e preocupação tais concepções. Uma tensão político-econômica e partidária entre a Esquerda e a Extrema-Direita.

Como prova do hibridismo e fluidez de concepções e entendimentos sobre essas noções, a imagem a seguir, ainda no âmbito da política e economia, parece corroborar:

Figure 4- Quem é presidente de verdade?



Fonte: Google. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjv7uiTkpDaAhUMjJAKHU2OBkcQjRx6BAGAEAU&url=http%3A%2F%2Fwww.portalpower.com.br%2Ffacebook%2Fpresidente-raiz-x-presidente-nutella%2F&psig=AOvVaw1R-6Xkdn5ER-i883Qw2E8Zw&ust=1522365088874711>.

Do mesmo modo que a imagem anterior a esta, os sujeitos representantes do que seria um "presidente raiz e um nutella" é significativo e demonstram o caráter híbrido dessas noções.

Como se vê, um sujeito populista, defensor dos interesses da classe trabalhista e sindical, que "enfrentou" o interesse de determinadas organizações do setor privado, seria considerado o "presidente raiz" e, portanto, o modelo padronizado a ser seguido. Em contrapartida, o "presidente nutella" seria àquele que, por meio de artifícios não democráticos ascende ao posto de legislador maior do país e, acompanhado de um discurso apologético à classe capitalis-

ta. O pano de fundo que se identifica aqui, é a tensão dialética entre classes representativas do mundo do trabalho, de um lado a classe trabalhadora e seus interesses e, do outro lado, o interesse das empresas e corporações privadas. Também indício dos tempos atuais, no qual capitalismo e a doutrina neoliberal se encontram diluídas nos tecidos sociais mais profundos.

Buscando trazer elementos concretos que exemplifiquem nossa posição frente a essas questões, a imagem seguinte é elucidativa:

Figure 5- Quem é fascista de verdade?



FASCISTA RAIZ

- se assumia fascista
- ã dava entrevista
- matava as minoria
- tinha livro
- tinha exército
- invadia os país
- ia pra igreja



FASCISTA NUTELLA

- "conservador liberal"
- só vai no SuperPop
- oprime no Facebook
- tem nem artigo na Veja
- só atrai criança
- ataca o quebrando tabu
- cristão de domingo

Fonte: Google. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiHn5vOkpDaAhVIGZAKHZMZDwIQjRx6BAgAEAU&url=https%3A%2F%2Ftwitter.com%2Fitsmilena%2Fstatus%2F830471436485672960&psig=AOvVaw1vRgKMLuJ_S4aWLgt-4q2-M&ust=1522365213962751.

Como dito no início do trabalho, vive-se atualmente um momento em que ganha cada vez mais espaço e força discursos fundamentalistas e extremistas. Aqui se vê clara e preocupantemente, quem seria ou poderia se considerar um "fascista raiz". Em primeiro lugar, percebemos um equívoco no termo utilizado "fascismo" para referir-se a Hitler, uma vez que o fascismo representava o regime vigente na Itália, sendo Mussolini o ditador, e não na Alemanha. A imagem escolhida na produção dessa postagem fala por si, assim como os elementos "representativos" que constituiriam essa "identidade" a partir de sua manifestação cultural. Já o

“fascista nutella” (se é que poderia existir um fascista menos fascista!), seria aquele sujeito que, além de defender esse ideal, seria aquele que faz uso de redes sociais, programas de televisão.

Levando em consideração esses elementos, o que se conclui, para além de uma visão apologética ao fundamentalismo e extremismo fascista, claramente expresso na postagem, é que, oprimir os demais sujeitos via rede social, frequentar programa sensacionalista em televisão com o intuito de polemizar temas e demandas socioculturais e político-econômicas são práticas consideradas de menor intensidade, gravidade. Mais ainda, com essa postagem fica evi-

denciado a apreensão, mas não a compreensão de uma das características centrais na atualidade, qual seja: o hibridismo. Pois, “conservadorismo e liberalismo”, embora, historicamente, já tenham “andado de mãos dadas” em sistemas sócio-políticos em outros tempos menos fragmentados. Na atualidade, se trata de um fenômeno que vem ocorrendo em larga escala nos diversos setores sociais, não apenas no âmbito da filosofia política e partidarista. Tal evidência, não é apreendida pelos produtores e consumidores dessa postagem.

Não obstante, outras duas postagens escolhidas para analisar são significativas e merecem atenção:

Figure 6- Quem é o verdadeiro preto?



Fonte: Google. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=&url=https%3A%2F%2Fveja.abril.com.br%2Fbrasil%2Fong-denuncia-post-que-define-preto-raiz-e-preto-nutella%2F&psig=AOvVaw0rpUoNWSguaWYv_IRlxATx&ust=1522365326538487.

As imagens aqui são expressivas, mas não foram foco de nossa análise. O elemento central e revelador, nessa ótica dicotômica, é a apologia (racista) ao “preto raiz” aqui considerado, perversamente, àquele que não teve acesso à educação formal, teve seus direitos humanos violados e, por fim, de forma ordeira aceitaria sua posição inferiorizada em função da tonalidade da pele. Por outro lado, mais pejorativamente, é a situação

do “preto raiz”, o qual seria indigno de se autodeclarar assim (já que seria um nutella) se caso fizesse uso de seus direitos, historicamente, conquistados, como no caso das Ações Afirmativas¹⁰, manifesta-se sua etnia e cultura por meio de indumentárias que lhe dão sentido, significado e “identidade representativa” e, mais ainda, galga com esforços e lutas sociopolíticas de modo a locomover-se através de um tipo específico de transporte coletivo, considerado

por muitos, como eletizado. Logo, inadmissível que alguém de tonalidade preta pudesse e devesse fazer uso do mesmo.

Assim, se constata que, por meio do cômico (ECO, 2014), o racismo, a intolerância étnico-racial e a discriminação socioeconômica se manifestam por meio de postagens, tidas e justificadas como irreverentes, trazem subjacente um discurso perverso racista, fundamentalista e intolerante. Diante das conquistas consolidadas pelo Movimento Negro no Brasil nos últimos anos, contraditoriamente, cada vez mais se vê, bombardeios de postagens e discursos perversos, nas redes sociais.

A segunda imagem também é significativa e se refere a outra esfera de manifestação cultural, a ligada à instituição religiosa:

10 Aqui, entende-se como sendo: “[...] medidas especiais e temporárias, tomadas ou determinadas pelo Estado, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento, bem como de compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros. Portanto, as ações afirmativas visam combater os efeitos acumulados em virtude das discriminações ocorridas no passado. (BRASIL, SEDH, 1996, p. 10)

Figure 7- Quem é padre de verdade?



Fonte: Google. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewjL-u7IIJDaAhVGHJAKHViECWgQjRx6BAGAEAU&url=http%3A%2F%2Fwww.naoentreaki.com.br%2F6044674-padre.htm&psig=AOvVaw1Lr-ftiJ1uMFL3TwnMCg-3D&ust=1522365751432692>.

A postagem, assim como as imagens e atribuições a cada um dos elementos dicotômicos que constam na imagem postada na *internet*, seria um sintoma representativo do cenário atual vivido em nosso país?

Acredita-se que sim, pois a apologia expressa na imagem é clara em sua interpretação desse tipo de manifestação cultural. Mais uma vez, por meio do cômico, se explicita questões degradantes que envolvem: violação de direitos humanos (de crianças, em especial). Como se sabe, é histórica, as denúncias de abuso sexual dentro de instituições religiosas. Em contrapartida, como numa tentativa de sufocar esse tipo de prática abominável e desumana, apresentam como processo e manifestação cultural padrão, o local sacramentalizado, ambientes sagrados, indumentárias e grupo identitário simpaticante. Um forte apelo a práticas e manifestações identificadas como conservadoras, tradicionais e genuínas.

Diferentemente dessa, “padre nutella”, seria aquele sujeito dotado do ofício de sacerdócio, mas que, imerso nas produções culturais da contemporaneidade, ou seja, frequenta canais de televisão, faz uso das redes sociais e se manifesta de forma irreverente e cômica, veste-se e consome os produtos culturais consideradas “profanas”. Isto é, embora socialmente imbuído e investido de um ofício sacralizado, manifesta-se, interage e consome toda a gama cultural produzida na e pela chamada pós-modernidade. Fruto e consequência da globalização e mundialização (CANCLINI, 2000). Não seria essa postagem outro exemplo concreto de como todas as instituições e esferas sociais (culturais) interconectadas de modo a podermos captá-las como um emaranhado, um todo orgânico mesclado, fluído e híbrido buscando, de toda sorte, produzir representações, por meio da cultura, de elementos que lhe facultem o reconhecimento identitário particular?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Recapitulando, apresentado alguns elementos apreendidos da realidade social contemporânea, onde a manifestação cultural híbrida marca as representações e identidades individuais e sociais. Elegeu-se como objetos de análise: postagens socializadas em redes sociais e na *internet*. Para tal, se sistema-

tizou três categorias: cultura, identidade e representação. A partir delas, realizou-se uma varredura na *internet* identificando-as de modo a ser problematizadas nesse trabalho.

Enfim, como dito, o objetivo desse trabalho foi analisar algumas imagens postadas em diferentes redes sociais e na *internet*, nas quais acreditamos serem passíveis de identificar, em suas entrelinhas, manifestações culturais tidas como dicotômicas, mas que subjacente apresentam um discurso apologético fluído, transparente, híbrido e descaracterizado. Isso porque, como se demonstrou, as “noções de raiz” ora se demonstrou fundamentalista, tradicional, rural, rústico e extremista, ora também apresentou, antagonismo com essa perspectiva. O mesmo sendo válido para a “noção de nutella” (que como se viu, nada tem a ver com um produto alimentício industrial de mesmo nome), a qual a princípio deveria ser atribuído a toda e qualquer manifestação cultural que se aproximasse a uma postura e entendimento liberal, flexível, tolerante, moderno, urbano e civilizado.

Mais do que asseverar pontos de vistas e perspectivas, analisar esse tipo de objeto necessita mais estudos, diálogos e reflexões, objetivando compreender tais processos e manifestações culturais que buscam representação de modo a cravejar suas Identidades como sendo algo claro, demarcado e genuíno, mas que, como se viu, estão imersos em um tipo de relação sociocultural, política, econômica e social marcada pelas influências e interações marcadas pela globalização do capital e mundialização da cultura, distorcendo, descaracterizando Identidades.

Tais sintomas mascaram discursos e posicionamentos extremistas de toda e qualquer natureza, o que abre precedente e espaço para a manifestação em larga escala de práticas, hábitos, cosmovisões, discursos apologéticos e opressores e intolerantes para com a “diferença”, para com o “Outro”.

Essa análise aqui a encerramos, no entanto, fica em aberto o diálogo e a reflexão sobre essa temática e a necessidade de promover situações em que temáticas desta natureza sejam, cada vez mais pautas centrais.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, C. F. **Além da carne assada sobre as brasas**: os elementos de experiência de consumo de churrasco. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Administração, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, J. D. **A construção social da cor**: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BRASIL. Ministério da Justiça (MJ), Secretaria de Estado dos Direitos Humanos (SEDH), **Relatório do Grupo de Trabalho Interministerial População Negra**. Brasília, 1996.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Trad. Roneide Venancio Maje; atual. 6ª ed. Jussara Simões – São Paulo: Paz e Terra, 1999a.
- _____. **O poder da Identidade**. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. 7ª reimp. – São Paulo: Paz e Terra, 1999b.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso**: modos de organização, Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado, 2ª Ed. 1ª reimp., São Paulo, Contexto, 2012.
- CHARTIER, R. “O mundo como Representação”. **Revista Estudos Avançados**. Vol. 11. Nº 5, 1991.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Antropologia da imagem no Brasil:
- Experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 277-297, jan/jun, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/64571/37349>. Acessado em: 7/11/19.
- ECO, U. **Como se faz uma tese**. 12ª ed. - SP: Perspectiva, 1995.
- _____. (org.) **História da Feiura**. Trad. Eliana de Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2014.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. – 2ª reimp. – São Paulo: Atlas, 2009.
- GOLIN, Tau. **Identities**: Questões Sobre as Representações Socioculturais no Gauchismo. Clio, Porto Alegre, 2004.
- GONZAGA, S. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. IN: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (ORG.) **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- GUIMARÃES, A. S. A. Racismo e anti-racismo no Brasil. **Revista Novos Estudos – CEBRAP**. Nº 43, pp. 26-44, 1995. Disponível em: <http://www.novosestudos.org.br/v1/contents/view/685>. Acessado em: 15/05/2016.
- _____. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. **Revista Novos Estudos – CEBRAP**. Nº 54, pp. 147-156, 1999. Disponível em: <http://www.novosestudos.org.br/v1/contents/view/856>. Acessado em: 15/05/2016.
- _____. A questão racial nas políticas brasileiras (últimos quinze anos), **Tempo Social - Revista Sociologia da USP**, São Paulo, 13 (2), pp.121-142, 2001. Disponível em: http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/Publicacao_4578_em_04_05_2011_12_38_30.pdf. Acessado em: 15/05/2016.
- _____. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 47, nº 1, pp.9-43, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27181/28953>. Acessado em: 15/05/2016.
- _____. **Classes, raças e democracia**. 2ª Ed. revista. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HALL, S. The work of representation. In: _____. **Representation**: cultural representations and signifying practices. London/TheLondon/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACIEL, M. E. **Patrimônio, Tradição e Tradicionalismo:** O Caso do *Gauchismo*, no Rio Grande do Sul. Mneme – Revista de Humanidades. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Vol. 07, n. 18, out./nov., 2005.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE** – Campus. Foz do Iguaçu. v. 10 - nº 1 - pp. 9-40, 2008.

POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. **Interdisciplinaridade:** Reflexão e Experiência, 2ª ed. Lisboa: Texto Editora, 1994.

ROCHA, A. L. C. da. *et al.* Antropologia com Imagens: Cartas aos Narradores Urbanos e o Livro do Etnógrafo. **Revista Mundaú**, 2018, n.5, p.179-201. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/5532/5481>. Acessado em: 7/11/19.

SARAIVA, J. I. A. *et al.* A interdisciplinaridade nos Processos e nas Manifestações Culturais. Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais. Universidade FEEVALE-RS. (s/d) Disponível em: <https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/doc/32051.doc>. Acessado em: 15/05/2016.

SILVA, T. T. da (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WAGNER, R. **A invenção da Cultura.** Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo. Cosac Naify, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WEBMUSEU

Museu do Memes. Universidade Federal Fluminense